

Salvando espécies ameaçadas pelo comércio ilegal: O Projeto Arara Azul

Neiva Maria Robaldo Guedes, coordenadora do Projeto Arara Azul/UNIDERP.
projetoararaazul@uol.com.br

“Uma ligação anônima para a Polícia Ambiental relata ter ouvido gritos de araras num pequeno hotel próximo a rodoviária em Campo Grande. Três policiais atendem a chamada e fazem uma vistoria no local. Quando estão terminando a busca, preocupados por não encontrarem nada, ouvem, de repente, a vocalização de filhotes. Abrem a porta de um quarto e dois homens tentam esconder uma pequena caixa debaixo da cama. Eram três filhotes de araras-azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e seis Ararajubas (*Guaruba guarouba*) adultas.”

Esta foi a última apreensão de araras realizadas no Mato Grosso do Sul, em 12/02/2004. As Ararajubas não ocorrem no Estado e ao redigir o Termo de Declaração, o delegado descobriu que todas as aves eram procedentes do Maranhão. Mesmo vindo de tão longe, com as araras vocalizando e gritando alto, passando por postos policiais e estando em contacto com muitas pessoas, ninguém foi capaz de denunciar. O tráfico que certamente passaria pela Bolívia com destino ao mundo, foi interrompido em Campo Grande.

Este é apenas um dos resultados do **Projeto Arara Azul**, que desde seu início procurou envolver e conscientizar a população humana para a conservação da arara-azul que estava acabando, principalmente por causa do tráfico que foi intenso até a década de 80, quando estimam que foram retirados mais de 10 mil indivíduos da natureza.

Araras e papagaios são exemplares dos mais impressionantes da avifauna tropical. Exatamente por serem belos, com plumagens coloridas, se adaptarem facilmente ao cativeiro, possuírem capacidade de imitar a fala e interagir bem com a população humana, os Psitacídeos (família das araras, periquitos e papagaios) são dos grupos mais ameaçados do mundo. O interesse humano pelas araras é tão antigo que há muitos séculos atrás elas já eram capturadas para servirem como animais de estimação e utilizarem suas penas como ornamento.

As araras-azuis são os maiores representantes da família Psittacidae, podendo atingir até 1 metro de comprimento e 1,3 kg de peso. De cor predominantemente azul cobalto em degrade da cabeça para a ponta da cauda. O azul do corpo contrasta com o amarelo intenso da pele nua em forma de anel em volta dos olhos e a fina faixa no contorno da mandíbula inferior. As penas das asas e cauda são de cor preta na face inferior, o que explica o nome de ararauna ou arara-preta (como são chamadas pelos indígenas). Citada na Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção e no apêndice I do CITES, a arara-azul teve a sua população bastante

reduzida devido a três fatores principais: a captura para o comércio nacional e internacional, a descaracterização do seu habitat e a coleta de penas para adornos indígenas.

No Mato Grosso do Sul, este quadro começou a mudar com o início do Projeto Arara Azul em 1990. O Projeto envolve os estudos de biologia básica, manejo e conservação da arara-azul *Anodorhynchus hyacinthinus* na natureza. O objetivo principal do Projeto Arara Azul é a manutenção de uma população viável de araras-azuis em seu ambiente natural, sem riscos de extinção a médio e longo prazo. Na prática, a estratégia e as medidas que visam a conservação ou manejo desta espécie no seu hábitat, estará beneficiando outras espécies que compartilham o mesmo ambiente.

Os primeiros resultados da pesquisa indicaram que a espécie é altamente especializada na alimentação. Em cada local de ocorrência: Pantanal (incluindo os estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e pequena parte da Bolívia e Paraguai), Amazônia (basicamente no estado do Pará) e região de Gerais que é o encontro dos estados de Tocantins, Piauí, Maranhão e Bahia, as araras-azuis se especializaram em comer nozes de duas palmeiras. No Pantanal, alimentam-se basicamente de acuri (*Scheelea phalerata*) e bocaiúva (*Acrocomia aculeata*), sendo que outros itens alimentares representam menos que 5% da sua dieta.

As araras-azuis têm vida sedentária, isto é, são residentes e onde elas ocorrem podem ser encontradas quase que o ano inteiro, não fazendo grandes migrações. Elas também são aves sociais, ou seja, vivem em família, bandos ou grupos e são altamente conspícuas (são curiosas, vocalizam e aparecem muito). As araras-azuis têm baixa taxa reprodutiva, pois a maioria dos casais coloca em média dois ovos, mas comumente só um filhote sobrevive e é criado pelos pais por um ano e meio. Logo a reprodução de muitos casais é bi-anual.

No Pantanal, para se reproduzir araras-azuis utilizam cavidades em árvores e baseados em indícios como penas no chão, pedaços de côco quebrado debaixo da árvore, presença de araras, ovos ou filhotes, cadastramos estas cavidades que chamamos de ninhos, as quais passamos a monitorar regularmente. Até janeiro de 2004 cadastramos 346 ninhos naturais e 198 artificiais, numa área de aproximadamente 400 mil hectares que abrange 45 fazendas, em 5 sub-regiões do Pantanal Sul: Nhecolândia, Abobral, Miranda, Aquidauana e Rio Negro.

Nossos resultados mostraram que 90% dos ninhos são encontrados numa única espécie arbórea, localmente chamada de manduvi (*Sterculia apetala*). Constatamos que há uma escassez de grandes cavidades não só para araras-azuis mais também para as outras espécies que utilizam cavidades para se reproduzir. Assim, a arara-azul fica dependente do manduvi, que é uma espécie chave para a sua sobrevivência no Pantanal. Logo, para conservar a arara-azul temos que conservar também o manduvi. Por isso, incentivamos peões e fazendeiros a

protegerem plantas jovens e replantarem manduvis, pois são árvores que demoram para crescer, são imprescindíveis para as araras e também servem para outras espécies da fauna pantaneira como sombra, abrigo, ninho e alimentação.

Por outro lado, para aumentar a oferta de cavidades, testamos diversos modelos e materiais de caixas ninhos artificiais. Em 1997 e 1998 instalamos 150 caixas artificiais, principalmente no Pantanal de Miranda, área com maior escassez de ninhos. O resultado foi surpreendente. Mais de 50% dos ninhos foram imediatamente explorados pelas araras-azuis e a postura de ovos ocorreu em 10 ninhos artificiais. Entretanto, as outras espécies que competiam pelas cavidades naturais, como pato-do-mato (*Cairina moschata*), coruja (*Tyto alba*), papagaio (*Amazona aestiva*), tucano (*Ramphastos toco*) e várias espécies de gaviões, acabaram ocupando a maioria das caixas artificiais. Com isso, sobraram mais ninhos naturais para as araras-azuis que tiveram um sucesso superior a 200% com a sobrevivência de filhotes.

O manejo e recuperação de ninhos naturais e artificiais são outras atividades desenvolvidas pelo Projeto Arara Azul para aumentar a oferta de ninhos. Nossos resultados mostram que há uma perda de 3 a 5% dos ninhos naturais a cada ano, devido a intempéries como chuva, vento e também fogo e desmatamento. Porém, como as araras-azuis reutilizam os ninhos por vários anos (temos ninhos que foram utilizados por 12 anos seguidos), a perda de um ninho, significa uma grande perda para a população, que já tem escassez para nidificação. Assim, tentamos recuperar os ninhos que estão se acabando. Cavidades que estão com abertura muito grande e por isso permitem a entrada de predadores ou chuva são manejadas de forma a diminuir a abertura. Ninhos que estão muito profundos e dificultam a saída dos filhotes, tem a base elevada com o preenchimento de tocos e serragem ou abertura de uma cavidade mais próxima da base. Ninhos que enchem de água, causando a morte de filhotes ou abandono de ovos por inundação, são drenados. E os ninhos artificiais que são danificados também são consertados e/ou trocados. Para exemplificar esta atividade, em 2002 foram manejados 82 ninhos no Pantanal Sul. Destes, 80% foram imediatamente reutilizados, sendo que a maioria dos 29 ninhos naturais teve sucesso com o nascimento de filhotes de araras-azuis.

Em 2000, com a aprovação do Comitê para Manejo e Conservação das Araras-azuis, coordenado pelo IBAMA, realizamos manejo de ovos e filhotes. O objetivo desta atividade era desenvolver e testar uma técnica de manejo, para que no futuro, havendo necessidade, saibamos como usa-la. Assim, ninhos que historicamente tinham os ovos predados, tiveram os ovos coletados e substituídos por imitações de madeira (que não foram aceitos) ou ovos de galinha pequeno (foram 100% aceitos). Os ovos das araras-azuis foram levados para

incubação artificial enquanto elas ficavam chocando o falso ovo no ninho. Após o nascimento dos filhotes, estes eram devolvidos para o ninho e criados pelos pais. Numa outra situação, manejamos também o segundo filhote que nasce 4 ou 5 dias depois do primeiro e geralmente não sobrevive por inanição. Neste caso, retiramos o segundo filhote do ninho, alimentamos em laboratório por 5 a 7 dias e devolvemos para o ninho original ou, se há outro ninho com dois filhotes na mesma situação, fazemos uma translocação. Colocamos os dois filhotes mais velhos num ninho e os dois mais novos no outro. Nossos resultados mostraram que as araras-azuis aceitam bem esta interferência e com isso, temos conseguido aumentar o número de casais que conseguem a sobrevivência de dois filhotes.

Antes de voarem todos os filhotes de arara-azul são pesados, medidos, anilhados, microshipados e tem uma pequena amostra de sangue coletado para sexagem e análise de DNA na USP. Isto tem permitido uma série de pesquisas paralelas na área de genética com o desenvolvimento de dissertações de mestrado e teses de doutorado (Miyaki et al. 1999). Além disso, como temos acesso a vários ninhos e monitoramos os filhotes desde o nascimento até 3 ou 4 meses de idade, isto possibilita o acompanhamento da sanidade destas aves, o estudo de enfermidades, conhecimento e análise de ecto e endoparasitos. Para tanto, pesquisadores associados, principalmente médicos veterinários tem colaborado conosco elucidando uma série de ocorrências para araras-azuis e os Psitacídeos em geral na natureza. Resultados inéditos comprovaram a existência de *Salmonella bredney* (Vilela et al. 2001) e *Chlamydophila psittaci* (Raso et al. 2003).

Ao executar os trabalhos de campo, aproveitamos para trocar informações com os moradores, peões e fazendeiros de forma a conscientizá-los e envolvê-los na conservação. Hoje podemos afirmar que esse é um dos maiores resultados do nosso Projeto, pois os moradores locais sabem onde tem ninhos, ovos e filhotes e ajudam a monitora-los e protegê-los. Quando alguns filhotes caem do ninho ao ensaiar vôo, a equipe do Projeto é imediatamente chamada para recupera-los e devolve-los aos ninhos. Mesmo nos ninhos próximo a residências, estradas e/ou com aberturas muito fácil de acessar, os filhotes não são retirados para animais de estimação ou comércio. Com a presença do Projeto, de forma constante, houve uma mudança de atitude da população e a maioria das pessoas querem ver as araras-azuis livres e soltas no Pantanal.

Assim, o turismo ecológico também é incentivado como mais uma alternativa de renda para o proprietário. Na Pousada Ararauna e no Refúgio Ecológico Caiman, onde estão situadas nossas bases de campo, os turistas recebem palestras dos biólogos e assistentes de campo e pequenos grupos de hóspedes podem acompanhar o trabalho da equipe do Projeto.

Desta forma, acreditamos que os resultados e as experiências realizadas com a arara-azul no Pantanal servem de referência para a conservação de outras araras-azuis que estão com a população mais reduzida, como a arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*) com cerca de 450 indivíduos na Bahia e a ararinha azul (*Cyanopsitta spixii*) cujo último exemplar da natureza, desapareceu em novembro de 2000, restando apenas 60 indivíduos em cativeiro espalhados pelo mundo.

Na realidade o Projeto Arara Azul tornou-se um exemplo mundial para a conservação de uma espécie ameaçada de extinção, principalmente de Psitacídeos e tem servido de parâmetro para projetos iniciados desde o México até o Sul da América Latina.

Com relação especificamente a espécie em questão, os resultados são relevantes porque pelo menos no Pantanal, principalmente de Mato Grosso do Sul, a arara-azul tem se recuperado, a coleta e o tráfico de indivíduos se não acabou totalmente, diminuiu muito.

Estimativas de 1987 era de cerca de 1500 indivíduos de araras-azuis no Pantanal como um todo, hoje estimamos uma população de 4000 indivíduos só no Pantanal de Mato Grosso do Sul. A Arara-azul não só está aumentando como também está se expandindo para outras regiões, como o Pantanal Boliviano e Paraguaio. Pode-se esperar que num futuro distante as araras-azuis continuem habitando o Pantanal e se não fosse o tráfico que continua ocorrendo em outras áreas de distribuição da espécie, como nordeste brasileiro, bem como a coleta de penas pelos indígenas, no norte do Brasil, poderia se esperar que a espécie saísse da lista de espécies ameaçadas de extinção nos próximos anos.

Enfim, a existência da arara-azul não beneficia somente a espécie, mas a população pantaneira, as outras espécies que compartilham o hábitat com ela e toda a humanidade, pois na realidade está se conservando um ambiente que é único, o **Pantanal, patrimônio da humanidade**. Então, convidamos a quem quiser conhecer as araras-azuis e o Projeto, para vir ao Pantanal.

Por último, agradecemos a UNIDERP – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal, FMB, WWF do Brasil, Toyota do Brasil e Caiman, nossos executores, principais parceiros e patrocinadores, bem como a Vanzin Escapamentos e Brasil Telecom, que nos doaram recursos em 2001 e 2002.

Referência

Guedes, N.M.R. Salvando espécies ameaçadas pelo comércio ilegal: O Projeto Arara Azul. **In: O Brasil no Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. Temas Brasileiros.** Brasília. M. Rel. Exteriores. 2004. p.19-25. Texto publicado em português, inglês e espanhol.